

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA CARTESIANA, I

AXIOMAS 4-11, PROPOSIÇÕES 5-8 *

BENTO DE ESPINOSA

TRADUÇÃO DE HOMERO SANTIAGO ¹

AXIOMAS

RETIRADOS DE DESCARTES²

IV. Há diversos graus de realidade ou entidade, pois uma substância tem mais realidade que um acidente ou modo, e uma substância infinita, mais que uma finita. E por isso há mais realidade objetiva na idéia de substância que na de acidente, e na idéia de substância infinita que na idéia de finita.

Este axioma torna-se conhecido só a partir da contemplação de nossas idéias, de cuja existência estamos certos, já que são modos de pensar; com efeito, sabemos quanto de realidade ou perfeição a idéia de substância afirma da substância, e quanto a idéia de modo afirma do modo. Uma vez que seja assim, necessariamente também constatamos que a idéia de substância contém mais realidade objetiva que a idéia de acidente, etc. Vê o escólio da prop. 4.

V. A coisa pensante, se veio a conhecer algumas perfeições de que careça, de imediato as dará a si, se estiverem em seu poder.

Cada um observa isso em si, enquanto é coisa pensante; com o que (pelo esc. da prop. 4) estamos certíssimos disso, e pelo mesmo motivo não estamos menos certos do que se segue, a saber:

VI. Na idéia ou conceito de toda coisa está contida a existência, ou possível ou necessária (vê o ax. 10 de Descartes)³. *Necessária no conceito de Deus, ou seja, do ente*

* O texto latino que tomamos por base foi o da edição de Gebhardt (*Spinoza Opera*, Heidelberg, Carl Winters Universitætbuchhandlung, 1972, v. 1); dentre as traduções consultadas, destacamos duas que nos foram de particular ajuda: a de Atilano Domínguez (*Tratado de la reforma del entendimiento, Principios de filosofía de Descartes, Pensamentos metafísicos*, Madri, Alianza, 1988) e a de Emanuela Scribano (*Principi della filosofia di Cartesio. Pensieri metafisici*, Bari, Laterza, 1990). Todas as notas de Espinosa estão indicadas como tais.

¹ Professor do departamento de Filosofia da USP.

² Como já fizera com as definições, Espinosa toma os axiomas e as proposições apresentados por Descartes nas *Razões geométricas*, ao fim das *Respostas às segundas objeções*. O leitor encontrará uma tradução das *Razões* no volume Descartes da coleção Os Pensadores.

³ Aqui, como adiante, Espinosa remete à axiomática cartesiana das *Razões geométricas*. Note-se que a ordem e a numeração dos axiomas num e noutro texto não coincidem; ademais, Espinosa recusa dois dos axiomas cartesianos, como se verá logo.

sumamente perfeito, pois diferentemente ele seria concebido imperfeito, contra o que se supõe ser concebido; contingente ou possível, por sua vez, no conceito de uma coisa limitada.

VII. Coisa alguma, nem alguma perfeição atualmente existente de uma coisa, pode ter o nada, ou seja, uma coisa não existente, como causa de sua existência.

No escólio da prop. 4 demonstrei que este axioma nos é tão perspicuo quanto o é eu sou pensante.⁴

VIII. O que há de realidade ou perfeição em alguma coisa, está formal ou eminentemente em sua causa primeira e adequada.

Por eminentemente entendo que a causa contém toda a realidade do efeito com mais perfeição que o próprio efeito; já por formalmente, que a contém com igual perfeição.

Este axioma depende do precedente, pois se supuséssemos que nada, ou menos, do que está no efeito esteja na causa, o nada na causa seria causa do efeito. Mas isto é absurdo (pelo ax. preced.); pelo que não é qualquer coisa que pode ser causa de um efeito, mas precisamente aquela em que eminentemente, ou no mínimo formalmente, está toda a perfeição que está no efeito.

IX. A realidade objetiva de nossas idéias requer uma causa em que essa mesma realidade esteja contida não apenas objetiva, mas formal ou eminentemente.

Este axioma é admitido por todos, ainda que muitos tenham abusado dele. Com efeito, tão logo alguém tenha concebido algo de novo, não há quem não procure a causa desse conceito ou idéia. Porém, tão logo possam assinalar alguma causa em que formal ou eminentemente esteja contida tanta realidade quanta está objetivamente naquele conceito, aquietam-se. O que é suficientemente explicado pelo exemplo da máquina aduzido por Descartes no art. 17 da parte I dos Princ.⁵ Assim também, caso alguém indague de onde, pois, o homem tira suas idéias de pensamento e de corpo, ninguém deixará de ver que as tira de si próprio, que por certo contém formalmente tudo que as idéias contém objetivamente. Pelo que, se algum homem tivesse uma

⁴ A nossa tradução desta proposição foi publicada na **Revista Conatus** – *Filosofia de Spinoza*, v. 2, n. 4, dezembro de 2008.

⁵ A remissão é aos *Princípios da filosofia*, de Descartes.

idéia que contivesse mais de realidade objetiva do que ele tem de formal, necessariamente, impulsionados pela luz natural, procuraríamos outra causa, fora do próprio homem, que contivesse formal ou eminentemente toda aquela perfeição. E jamais alguém assinalou outra causa, além desta, que tenha concebido com igual clareza e distinção. Ademais, o que atina à verdade deste axioma depende dos precedentes. Quer dizer (pelo ax. 4), dão-se diversos graus de realidade ou entidade nas idéias e, por conseguinte (pelo ax. 8), conforme o grau de perfeição elas requerem uma causa mais perfeita. Porém, como os graus de realidade que notamos nas idéias não estão nas idéias, enquanto são consideradas como modos de pensar, enquanto uma representa uma substância e outra, apenas um modo da substância, ou, numa palavra, enquanto são consideradas como imagens das coisas;⁶ segue-se daí claramente que nenhuma outra causa primeira das idéias pode ser dada além daquela, agora mesmo mostramos, que todos entendem clara e distintamente pela luz natural, a saber, aquela na qual esteja contida formal ou eminentemente a mesma realidade que elas têm objetivamente. Para que esta conclusão seja mais claramente entendida, explicarei com um ou outro exemplo. Se alguém vir alguns livros (supõe ser um o de algum insigne filósofo, outro o de algum frívolo) escritos por uma só e mesma mão, e atentar não para o sentido das palavras (isto é, enquanto são como imagens), mas apenas para o traçado dos caracteres e a ordem das letras, não reconhecerá nenhuma desigualdade que o force a procurar causas diversas entre eles, mas parecerão ter do mesmo modo procedido da mesma causa. Porém, caso atente para o sentido das palavras e das frases, constatará grande desigualdade entre eles. E por conseguinte concluirá que a causa primeira de um dos livros era bastante diversa da causa primeira do outro, e que uma realmente era tanto mais perfeita que a outra, quanto constatou diferir o sentido das frases de cada livro, ou seja, quanto constatou diferir as palavras, enquanto consideradas como imagens. Mas falo da causa primeira dos livros, que deve necessariamente dar-se, embora conceda, ou melhor, suponha que um livro possa ser escrito a partir de outro, o que é por si manifesto. O mesmo também pode ser explicado com o exemplo de um retrato, suponha-se, de algum príncipe; pois, caso atentemos apenas para os materiais, não constataremos entre ele e outros retratos nenhuma desigualdade que nos obrigue a procurar causas diversas, ou melhor, nada impedirá que possamos pensar que foi pintado a partir de outra imagem, e esta de novo a partir de outra, e assim ao infinito; pois discernimos satisfatoriamente quanto a seu traçado que não se requer nenhuma outra causa. Porém, caso atentemos para a imagem, enquanto é imagem, seremos de imediato forçados a procurar uma causa primeira que, formal ou eminentemente,

contenha o que aquela imagem contém representativamente. Não vejo o que mais se poderia desejar para confirmar e elucidar este axioma.

X. Para conservar uma coisa não é requerida uma causa menor que para primeiro produzi-la.

Do fato de pensarmos neste momento, não se segue necessariamente que mais tarde pensaremos, pois o conceito que temos de nosso pensamento não envolve, ou seja, não contém a existência necessária do pensamento; com efeito, posso clara e distintamente conceber o pensamento, ainda que o suponha não existir.⁷ E como a natureza de cada causa deve em si conter ou envolver a perfeição de seu efeito (pelo ax. 8), daí se segue com clareza que se deve dar necessariamente, em nós ou fora de nós, algo que até agora ainda não entendemos, cujo conceito ou natureza envolva a existência e que seja a causa por que nosso pensamento começou a existir e também que continue existindo; pois, embora nosso pensamento tenha começado a existir, nem por isso a natureza e essência dele envolve mais existência necessária do que antes de existir, e por isso precisa da mesma força, para perseverar no existir, de que precisa para começar a existir. E o que dizemos do pensamento cabe dizer de toda coisa cuja essência não envolva existência necessária.

XI. Não existe coisa alguma de que se não possa perguntar qual é a causa (ou razão) por que existe. Vê o ax. 1 de Descartes.

Como existir é algo positivo, não podemos dizer que tenha o nada por causa (pelo ax. 7); logo, devemos assinalar alguma causa positiva, ou razão, por que exista, quer externa, isto é, que esteja fora da própria coisa, quer interna, isto é, que esteja compreendida na natureza e definição da própria coisa existente.

As quatro proposições que se seguem foram tomadas de Descartes.

PROPOSIÇÃO V

A existência de Deus é conhecida só a partir da consideração de sua natureza.

DEMONSTRAÇÃO

Dizer que algo está contido na natureza ou conceito de uma coisa é o mesmo que dizer que isso é verdadeiro dessa coisa (pela def. 9). Ora, a existência necessária está contida no conceito de Deus (pelo ax. 6). Logo, é verdadeiro dizer de Deus que a existência necessária está nele ou que ele existe.

⁶ Disso também estamos certos porque o constatamos em nós, enquanto pensantes. Vê o esc. preced. [Nota do autor.]

⁷ Cada um constata isso em si, enquanto é coisa pensante. [Nota do autor.]

ESCÓLIO

Desta proposição seguem-se muitas coisas importantes; ou melhor, quase todo o conhecimento dos atributos de Deus, através do qual somos conduzidos ao amor dele, ou seja, à suma beatitude, depende só disto: de que à natureza de Deus pertence a existência, ou seja, que o conceito de Deus envolve a existência necessária, assim como o conceito de triângulo, que seus três ângulos sejam iguais a dois retos; ou seja, sua existência, ao igual de sua essência, é uma verdade eterna. Pelo que, seria de desejar com afínco que o gênero humano conosco finalmente abraçasse isso de uma vez. Reconheço darem-se de fato certos preconceitos que impedem que cada um o entenda tão facilmente.⁸ Porém, se alguém quiser examinar o assunto com boa intenção e impulsionado só pelo amor da verdade e de sua verdadeira utilidade, e ponderar consigo o que se tem na *Medit. 5* e ao fim das *Respostas às primeiras objeções* e simultaneamente o que ensinamos sobre a eternidade no cap. 1 da parte 2 de nosso Apêndice⁹, seguramente entenderá o assunto com toda clareza e ninguém poderá duvidar se tem alguma idéia de Deus (o que decerto é o primeiro fundamento da beatitude humana); pois em simultâneo verá claramente que a idéia de Deus difere de longe das outras coisas, quer dizer, tão logo entenda que Deus, quanto à essência e à existência, discrepa totalmente das outras coisas; pelo que, acerca disso, não é mister deter o leitor aqui por mais tempo.

PROPOSIÇÃO VI

A existência de Deus é demonstrada a posteriori só a partir do fato de sua idéia estar em nós.

DEMONSTRAÇÃO

A realidade objetiva de qualquer de nossas idéias requer uma causa em que essa mesma realidade esteja contida não apenas objetiva, mas formal ou eminentemente (pelo ax. 9). Temos a idéia de Deus (pelas def. 2 e 8) e a realidade objetiva desta idéia não está contida em nós nem formal nem eminentemente (pelo ax. 4), e não pode estar contida em nenhuma outro afora Deus mesmo (pela def. 8). Logo, essa idéia de Deus que está em nós requer Deus como causa, e Deus, por conseguinte, existe (pelo ax. 7).

⁸ Lê o art. 16 da parte I dos *Princípios*. [Nota do autor.]

⁹ Trata-se dos *Pensamentos metafísicos*, publicados originalmente em apêndice ao livro sobre. Tradução dessa obra está disponível no volume Espinosa da coleção Os Pensadores.

ESCÓLIO

Há alguns que negam ter uma idéia de Deus, o qual porém, como os próprios dizem, cultuam e amam. E ainda que tu ponhas diante dos olhos deles a definição de Deus e os atributos de Deus, de nada adiantará; não mais, por Hércules, do que se te empenhasses em ensinar a um homem cego de nascença as diferenças das cores, conforme as vemos. Contudo, a não ser que os queiramos ter como se por um novo gênero de animais, a saber, intermediário de homens e brutos, devemos fazer pouco das suas palavras. De que outro modo, pergunto, podemos apresentar a idéia de alguma coisa senão dando sua definição e explicando os seus atributos? Como realizamos isso acerca da idéia de Deus, não é o caso de demorarmos com as palavras de homens que negam a idéia de Deus só porque não podem formar no cérebro nenhuma imagem dele.

Depois, é de notar que Descartes, quando cita o ax. 4¹⁰ para mostrar que a realidade objetiva da idéia de Deus não está contida em nós nem formal nem eminentemente, supõe que cada um saiba que não é uma substância infinita, isto é, sumamente inteligente, sumamente potente, etc.; o que ele pode supor. Com efeito, quem sabe que pensa, sabe também que duvida de muitas coisas e que nem tudo entende clara e distintamente.

Enfim, é de notar que a partir da def. 8 também se segue claramente que não se podem dar vários Deuses, mas apenas um, como claramente demonstramos na prop. 11 desta parte e na 2ª parte de nosso Apêndice, cap. 2.

PROPOSIÇÃO VII

A existência de Deus também é demonstrada a partir do fato de que nós mesmos, que temos sua idéia, existimos.

ESCÓLIO

Para demonstrar esta proposição, Descartes assume estes dois axiomas: 1º) *O que pode fazer o que é maior ou mais difícil também pode fazer o que é menor;* 2º) *É maior criar ou (pelo ax. 10) conservar uma substância que atributos, ou seja, propriedades de uma substância.* O que ele quer dizer com isso, não sei. Pois o que chama de fácil, o que chama de difícil? Com efeito, nada é dito fácil ou difícil absolutamente, mas apenas a respeito de uma causa;

¹⁰ Entenda-se: quarto axioma das *Razões geométricas*.

de tal forma que uma só e mesma coisa pode ser dita ao mesmo tempo, a respeito de causas diversas, fácil e difícil.¹¹ Porém, se ele chama de difíceis aquelas coisas que podem ser feitas pela mesma causa com grande esforço, e de fáceis as que o podem com menor esforço, assim como, por ex., a força que puder levantar 50 libras poderá com dupla facilidade levantar 25 libras, decerto o axioma não será absolutamente verdadeiro, e a partir disso o autor não poderá demonstrar o que pretende; pois quando diz: *se eu tivesse força para conservar a mim mesmo, também teria força para dar-me todas as perfeições que me faltam* (a saber, porque não requerem tanto poder), eu lhe concederia que as forças que despendo para conservar-me poderiam fazer de longe mais facilmente outras tantas coisas, se eu não precisasse daquelas forças para conservar-me; mas enquanto as uso para conservar-me, nego poder despendê-las a fazer outras coisas, mais fáceis embora, como se vê claramente em nosso exemplo. E não se suprime a dificuldade dizendo que, como sou coisa pensante, eu deveria necessariamente saber se eu, ao conservar-me, despendo todas as minhas forças, e também se esta é a causa por que eu não me dê as demais perfeições; pois (além de ora não se disputar sobre esse assunto, mas apenas de que modo a partir desse axioma segue-se a necessidade desta proposição) se o soubesse, eu seria maior e talvez requeresse, para conservar-me naquela maior perfeição, forças maiores que as que tenho. Depois, não sei se é esforço maior criar (ou conservar) uma substância que atributos, isto é, falando mais clara e mais filosoficamente, não sei se uma substância não precisa de toda sua virtude e essência, pela qual talvez se conserve, para conservar seus atributos. Mas deixemos isso e examinemos mais a fundo o que o nobilíssimo autor quer aqui, ou seja, o que entende por fácil, o que por difícil. Não creio nem estou de forma alguma persuadido que ele entenda por difícil o que é impossível (e que, por conseguinte, de modo algum se pode conceber de que modo é feito) e por fácil o que não implica nenhuma contradição (e que, por conseguinte, concebe-se facilmente de que modo é feito), embora na 3^a Medit., à primeira vista pareça querer isso quando diz: *E não devo achar que as coisas que me faltam podem ser adquiridas mais dificilmente que aquelas que já estão em mim; pois, inversamente, é manifesto que foi de*

longe mais difícil eu, isto é, uma coisa ou uma substância pensante, emergir do nada que etc. Isso, porém, nem conviria com as palavras do autor, nem tampouco faria jus ao seu engenho. E efetivamente, para deixar de lado o primeiro ponto, entre o possível e o impossível, ou seja, entre o que é inteligível e o que é não inteligível, não se dá proporção alguma, assim como não se dá nem entre algo e nada, e o poder não quadra mais aos impossíveis do que a criação e a geração aos não-entes, e por isso de modo algum devem ser comparados entre si. Acrescenta-se que só posso compará-los entre si, e conhecer a proporção entre eles, se tenho um conceito claro e distinto de todos. Nego seguir-se, portanto, que quem pode fazer o impossível, possa também fazer o que é possível. Com efeito, pergunto, que conclusão seria essa? Se alguém pode fazer um círculo quadrado, poderá também fazer um círculo cujas linhas todas que podem ser tiradas do centro à circunferência sejam iguais; ou, se alguém pode fazer que *o nada* sofra modificação [*patiatur*], e assim seja usado como matéria a partir da qual produza algo, também terá poder para fazer algo a partir de alguma coisa. Pois, como disse, entre essas coisas e semelhantes não se dá nenhuma conveniência, nem analogia, nem comparação, nem qualquer proporção. O que cada um pode ver, desde que atente um pouco para o assunto. Pelo que estimo que isso seja completamente alheio ao engenho de Descartes. Porém, se atento para o 2^o axioma dos dois aludidos, parece que ele quer entender por maior e mais difícil o que é mais perfeito, e por menor e mais fácil o que é mais imperfeito. Mas também isso parece bem obscuro, pois há aí a mesma dificuldade que acima. Com efeito, como antes, nego que quem pode fazer o maior, possa simultaneamente e pela mesma operação, como se deve supor na proposição, fazer o que é menor. Onde, quando ele diz *é maior criar ou conservar uma substância que atributos*, não pode decerto entender por atributos o que está contido formalmente na substância e não se distingue da própria substância a não ser por razão; pois nesse caso criar uma substância seria o mesmo que criar atributos. E tampouco pode, devido à mesma razão, entender as propriedades da substância que se seguem necessariamente de sua essência e definição. Muito menos, ainda, pode entender, o que todavia parece querer, propriedades e atributos de outra substância; assim como, por ex., se digo que tenho poder para conservar a mim, a saber, uma substância pensante finita, nem por isso posso dizer que também tenha poder para dar-me as perfeições da substância infinita, cuja essência difere totalmente da minha. Pois a força ou essência

¹¹ Para que não procures outros exemplos, toma o exemplo da aranha, que tece facilmente uma teia que homens não teceriam a não ser com grande dificuldade; os homens, pelo contrário, podem fazer com grande facilidade muitíssimas coisas que talvez sejam impossíveis aos anjos. [Nota do autor.]

pela qual me conservo em meu ser difere totalmente da força ou essência pela qual a substância absolutamente infinita conserva-se e de que suas forças e propriedades não se distinguem a não ser por razão.¹² E por isso (ainda que supusesse conservar-me a mim mesmo), se quisesse conceber que me posso dar as perfeições da substância absolutamente infinita, não suporia nada mais senão que possa reduzir ao nada minha essência toda e criar de novo uma substância infinita. O que por certo seria de longe maior do que apenas supor que eu possa conservar uma substância finita. E assim, como nada disso pode ser entendido por atributos ou propriedades, nada mais resta senão qualidades, que a própria substância contém eminentemente (como esse ou aquele pensamento na mente, os quais percebo claramente faltarem-me), mas não os que outra substância contém eminentemente (como esse ou aquele movimento na extensão, já que tais perfeições não são perfeições para mim, a saber, uma coisa pensante, e por isso não me faltam). Mas então de modo algum pode ser concluído a partir deste axioma o que Descartes quer demonstrar, ou seja, que se me conservo, também tenho poder para dar-me todas as perfeições que claramente descubro pertencer ao ente sumamente perfeito, como consta à suficiência pelo foi dito há pouco. Porém, para não deixarmos a coisa indemonstrada e evitarmos toda confusão, pareceu-nos bom demonstrar antes os lemas que se seguem e, depois, construir sobre eles a demonstração desta 7ª proposição.

LEMA I

Quanto mais perfeita uma coisa é por sua natureza, uma existência maior e mais necessária ela envolve; inversamente, quanto mais existência necessária uma coisa envolve por sua natureza, mais perfeita ela é.

DEMONSTRAÇÃO

Na idéia ou conceito de toda coisa está contida a existência (pelo ax. 6). Suponha-se então que A seja uma coisa que tem dez graus de perfeição. Digo que seu conceito envolve mais existência do que se se supusesse que contém apenas cinco graus de perfeição; pois como acerca do nada não podemos afirmar nenhuma existência (vê o esc. da prop. 4), quanto mais subtraímos de sua perfeição, e por conseguinte a

¹² Nota que a força pela qual a substância se conserva não é nada além de sua essência e não difere dela a não ser em nome, o que se verá perfeitamente, em seu lugar, quando tratarmos da potência de Deus no Apêndice. [Nota do autor.]

concebemos mais e mais participar do nada, tanto mais também lhe negamos de possibilidade de existência. E por isso, se concebermos que seu grau de perfeição diminui-se ao infinito até 0, ou seja, zero, não conterà nenhuma existência ou uma existência absolutamente impossível. Por outro lado, se aumentarmos ao infinito seu grau de perfeição, conceberemos que envolve uma suma existência, e por conseguinte sumamente necessária. O que era primeiro. Depois, como essas duas coisas de modo algum podem ser separadas (como consta suficientemente a partir do ax. 6 e de toda a primeira parte desta demonstração), segue-se claramente o que propúnhamos demonstrar em segundo lugar.

Nota I. Embora muitas coisas sejam ditas existir necessariamente só por dar-se uma causa determinada a produzi-las, aqui não falamos delas, mas apenas dessa necessidade e possibilidade que, sem levarmos em conta a causa, segue-se só da consideração da natureza ou essência de uma coisa.

Nota II. Não falamos aqui da beleza e de outras perfeições que os homens, por superstição e ignorância, quiseram chamar de perfeições. Mas por perfeição entendo apenas a realidade ou ser. Assim como, por ex., percebo que mais realidade está contida na substância que nos modos ou acidentes; e com isso entendo que ela contém uma existência mais necessária e mais perfeita que os acidentes, como consta suficientemente a partir dos axiomas 4 e 6.

COROLÁRIO

Daí se segue que o que quer que envolva existência necessária é um ente sumamente perfeito, ou seja, Deus.

LEMA II

Quem tem potência para conservar-se, sua natureza envolve existência necessária.

DEMONSTRAÇÃO

Quem tem força para conservar-se também tem força para criar-se (pelo ax. 10), isto é (como todos facilmente concedem), não precisa de nenhuma causa externa para existir, mas sua natureza sozinha será causa suficiente de que exista, ou possivelmente (vê ax. 10) ou necessariamente. Ora, não possivelmente; pois (pelo que demonstrei acerca do ax. 10) de que exista agora não se seguiria que existirá depois (o que vai contra a hip.) Logo, existe necessariamente, isto é, sua natureza envolve existência necessária; como quer. dem.¹³

¹³ Isto é, “como queríamos demonstrar”.

DEMONSTRAÇÃO
DA PROPOSIÇÃO VII

Se eu tivesse força para conservar a mim mesmo, seria de tal natureza que envolveria existência necessária (pelo lema 2); logo (pelo cor. do lema 1) minha natureza conteria todas as perfeições. Ora, em mim, enquanto sou coisa pensante, descubro muitas imperfeições, como que eu duvide, que deseje, etc., das quais (pelo esc. da prop. 4) estou certo; logo, não tenho nenhuma força para conservar-me. E nem por isso que posso dizer que careço daquelas perfeições porque agora quero negá-las a mim, pois isso repugnaria claramente ao primeiro lema e ao que constato em mim (pelo ax. 5).

Ademais, não posso agora existir, enquanto existo, sem que seja conservado, quer por mim mesmo, desde que tenha tal força, quer por outro que a tenha (pelos ax. 10 e 11). Ora, existo (pelo esc. da prop. 4), e todavia não tenho força para conservar a mim mesmo, como agora há pouco foi provado; logo, sou conservado por outro. Mas não por outro que não tem força para conservar-se (pela mesma razão pela qual demonstrei que não posso conservar a mim mesmo); logo, por outro que tem força para conservar-se, isto é (pelo lema 2), cuja natureza envolve existência necessária, isto é (pelo cor. do lema 1), que contém todas as perfeições que claramente entendo pertencer ao ente sumamente perfeito; e por conseguinte o ente sumamente perfeito, isto é (pela def. 8), Deus, existe, como quer. dem.

COROLÁRIO

Deus pode fazer tudo o que claramente percebemos, conforme o percebemos.

DEMONSTRAÇÃO

Tudo isso se segue claramente da proposição precedente. Nela, com efeito, foi provado que Deus existe a partir do fato de que deva existir alguém em que estejam todas as perfeições das quais há em nós alguma idéia. Pois em nós há a idéia de uma potência tamanha que só por aquele, no qual ela está, podem ser feitos o céu e a terra e também todas as outras coisas que por mim são entendidas como possíveis. Logo, com a existência de Deus também foi provado, simultaneamente, isso tudo sobre ele.

PROPOSIÇÃO VIII

A mente e o corpo distinguem-se realmente.

DEMONSTRAÇÃO

O que quer que percebamos claramente, pode ser feito por Deus, conforme o percebemos (pelo cor. preced.). E claramente percebemos a mente, isto é (pela def. 6), uma substância pensante, sem o corpo, isto é (pela def. 7), sem uma substância extensa; e, vice-versa, o corpo sem a mente (como todos facilmente concedem). Logo, ao menos pela potência divina a mente pode ser sem o corpo e o corpo sem a mente.

Pois bem, substâncias que podem ser uma sem a outra distinguem-se realmente (pela def. 10); ora, a mente e o corpo são substâncias (pelas def. 5, 6, 7) que podem ser uma sem a outra (como há pouco foi provado); logo, a mente e o corpo distinguem-se realmente.

Vê a prop. 4 de Descartes, ao fim das *Respostas às 2^{as} objeções*, e o que se tem na parte I dos *Princípios*, do art. 22 até o art. 29; pois julgo não valer a pena transcrever tudo isso aqui.

